

## REBELDIA EM REVISTA: JOÃO SALDANHA, AFONSINHO E REINALDO NAS PÁGINAS DE PLACAR

João Pedro Prado Mercês Lázaro<sup>1</sup>  
Rita de Cassia Aragão Matos<sup>2</sup>

**Resumo:** Como a revista *Placar*, durante o período ditatorial, construiu sentidos, em suas publicações, sobre João Saldanha, Afonsinho e Reinaldo, personagens do universo do futebol que, de alguma forma, confrontaram princípios e projetos defendidos pelo regime? Essa questão norteou a construção do texto no intuito de analisar o futebol enquanto um fenômeno complexo e dinâmico, para além da perspectiva estanque e unívoca que entende o futebol apenas como “ópio do povo”. Além disso, analisar esses *rebeldes* do jogo da bola através das páginas daquele que era o periódico esportivo brasileiro de maior circulação da época, nos ajuda a ter um panorama sobre a própria Revista *Placar* em diferentes momentos da ditadura, suas dinâmicas e complexidades.

**Palavras chave:** Futebol; João Saldanha, Afonsinho e Reinaldo; *Revista Placar*

### Uprising in the magazine: João Saldanha, Afonsinho and Reinaldo on the pages of *Placar*

**Abstract:** How did *Placar* magazine, during the dictatorial period, construct meanings, in its articles and reports, about João Saldanha, Afonsinho and Reinaldo, characters from the football universe who somehow commonished principles and projects defended by the regime? This question guided the construction of the text in order to analyze football as a complex and dynamic phenomenon, beyond the watertight and unambiguous perspective that understands football only as "opium of the people". In addition, analyzing the rebels of the ball game through the pages of what was the most widely circulated Brazilian sports periodical of the time helps us understand about the journal and its own dynamics and complexities.

**Key words:** Soccer; João Saldanha, Afonsinho and Reinaldo; *Revista Placar*

### Rebeldía en la revista: João Saldanha, Afonsinho y Reinaldo en las páginas de *Placar*

**Resumen:** ¿Cómo construyó la revista *Placar*, durante el período dictatorial, significados, en sus artículos e informes, sobre Joao Saldanha, Afonsinho y Reinaldo, personajes del universo del fútbol que de alguna manera conmonestó principios y proyectos defendidos por el régimen? Esta pregunta guió la construcción del texto con el fin de analizar el fútbol como un fenómeno complejo y dinámico, más allá de la perspectiva estanca e inequívoca que entiende el fútbol sólo como "opio del pueblo". Además, analizar a los rebeldes del juego de pelota a través de las páginas de lo que fue el periódico deportivo brasileño más difundido de la época nos ayuda a entender sobre la revista y sus propias dinámicas y complejidades.

**Palabras clave:** Fútbol; João Saldanha, Afonsinho y Reinaldo; *Revista Placar*

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade (Pós Cult) do Instituto de Humanidades Artes e Cultura (IHAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). [pedropigmeu@hotmail.com](mailto:pedropigmeu@hotmail.com) – Salvador – Bahia (Ba)

<sup>2</sup> Professora Doutora do Instituto de Humanidades Artes e Cultura (IHAC) e do Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade (Pós Cult). [rivalta@uol.com.br](mailto:rivalta@uol.com.br) – Salvador – Bahia (Ba)

## **Introdução: Futebol, veneno?**

“Pra frente Brasil”. Esse era o lema naqueles tempos de 1970. Estava na Música tema da seleção para a Copa do mundo de futebol que aconteceria no México naquele ano. A conquista consagraria um time que conseguiu organizar em seu ataque cinco “camisas 10” juntos. Enquanto os onze davam show em campos aztecas, em terras tupiniquins o Ato institucional nº 5, publicado em 13 de dezembro de 1968, permanecia em vigor e implementava ainda mais violência, controle, perseguição e autoritarismo. O triunfo do selecionado naquela competição seria, em grande medida, capitaneado por órgãos da propaganda ditatorial como efeito de uma nação que caminhava rumo ao progresso. A euforia das ruas, associada as publicidade dos veículos de comunicação, serviria para esconder o cenário real: porões e cárceres manchados de sangue daqueles que pensavam um mundo diferente.<sup>3</sup>

A utilização do futebol como um dos mecanismos de publicidade de uma visão positiva da ditadura empresarial militar brasileira<sup>4</sup> contribuiu para instituir, sobretudo nas ciências sociais e humanas, uma visão que reduzia o velho esporte bretão ao patamar de “ópio do povo”, ou seja, instrumento ideológico capaz de cegar as massas perante aos problemas da dominação. Esse entendimento manteve-se por décadas hegemônico, e por conta dele buscou-se pensar muito pouco outros caminhos à cerca da relação entre futebol e Brasil.

Uma nova perspectiva começava a nascer em meados da década de 1980, visão que colidia diretamente com a interpretação que entendia o ludopédio somente como um dos venenos do capitalismo e do poder autoritário, e procurava analisar o futebol como “metáfora da vida”, manifestação cultural carregada de complexidade e profundidade. Em Universo do Futebol – Esporte e sociedade brasileira, Roberto Da Matta organizou alguns ensaios preocupados em defender a possibilidade de pesquisar esse fenômeno através da lupa sociológica, combatendo a visão estanque que naturalizava o futebol e sua relação com a sociedade. O livro surgiu como um oasis no deserto de pesquisas sobre temas a respeito da relação entre cultura e sociedade. A partir dele podemos dizer que fundou-se um momento de inflexão na forma de se observar o futebol enquanto essa manifestação cultural complexa, que pode ser abordada através de prismas diversos, detentora de “regras, objetos, cenários, personagens, tempo e espaço”, conformada por um “conjunto de relações específicas” (DA MATTA, 1982, p. 15-16).

---

<sup>3</sup> Carlos Fico apontou a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP) como estrutura basilar na nova configuração que a propaganda do Estado tomou durante a Ditadura que se instaurou a partir de 1964, procurando se distanciar dos modelos propostos por outro período autoritário, o Estado Novo. A AERP procurava também se distanciar do próprio termo “propaganda” vinculado ao projeto fascista, adotando a insígnia de “relações públicas”. Ver: (FICO; 1997).

<sup>4</sup> Denominamos a ditadura de “empresarial militar” com o objetivo de demarcar seu caráter de classe, e identificar como, através dos governos autoritários que se seguiram desde 1964, estava em curso a estruturação de um modelo de capitalismo para o Brasil. Sobre isso ver: (SENA JUNIOR, MELO, CALIL; 2017).

Problematizar o futebol em sua complexidade, portanto, através da lupa das ciências sociais e humanas significa, sobremedida, aborda-lo enquanto “uma prática cultural” e “historicamente produzida” (RIBEIRO, 2004, p.1). Analisar o futebol como objeto das ciências humanas, aqui parafraseando o título do já bastante influente livro organizado por Flavio de Campos e Daniela Alfonsi, passa por entendermos que pode ser visto e pesquisado através das mais diversas abordagens, desde a literatura, passando pela relações de gênero, masculinidade, violência, organização da cidade, elitização e popularização, identidade.<sup>5</sup>

Influenciados por essa perspectiva mais abrangente em relação ao futebol que revisitamos o período ditatorial, não para trata-lo de forma unidimensional, como os equipamentos de propaganda do governo e alguns estudiosos “apocalípticos”<sup>6</sup> sugeriam essa manifestação cultural bastante popular, mas procurando a complexidade daquele mundo, universo no qual a dominação se apresentava cortada por contradições, descaminhos e tensões, elementos próprios do processo histórico.

Alguns trabalhos já revisitaram o período a partir do golpe de 1964 com o objetivo de repensar a visão estante a respeito do esporte de origem bretã e, pesquisa-lo a partir de outros olhares, para além de seu vínculo com projeto nacionalista hegemônico. Não há desacordo a respeito de como o Estado ditatorial utilizou o futebol, desde a publicidade do título da Copa de 1970, passando pelo controle de corpos através de um modelo de preparação física, até a nomeação de militares para a direção de instituições como a Confederação Brasileira de Desportos (CBD). A curiosidade de saber se não houveram descaminhos, dissonâncias, desrazões (como diria Michel de Certeau), nesse processo de dominação, impulsionou, por sua vez, outras perspectivas de pesquisas. Surgiu a necessidade de descurtir sujeitos que, de formas variadas, representavam, eles próprios, descompassos nas dinâmicas de dominação do poder estabelecido, e cada um ao seu modo, problematizaram posturas e normas estabelecidas.

Nesse caminho destacamos aqui três personagens que durante a década de 1970 tiveram algum tipo de conflito com princípios ditatoriais, foram perseguidos e confrontaram-se contra regras autoritárias daqueles anos de chumbo: João Saldanha, Afonsinho e Reinaldo. Abordar as ações inisurgentes desses sujeitos não configura, no entanto, uma prática inédita. Destaco os trabalhos, de Euclides de Freitas Couto que, através da perspectiva que entende o universo esportivo futebolístico enquanto um lugar de disputas, tratou de uma série de sujeitos que, através de suas posturas, incomodaram o *status quo*, e José Paulo Florenzano que, ao tratar de Afonsinho, atribuiu a ele a alcunha de rebelde, referência definida pela sua capacidade de, através de sua individualidade, apresentar posturas que confrontaram um sistema de ordenamento que procurava controlar e padronizar corpos e comportamentos.

---

<sup>5</sup> Para termos uma noção dessa vastidão temática sobre a qual o futebol, enquanto tema de pesquisa científica, pode ser abordado nas mais diversas áreas de conhecimento, ver: GIGLIO, Sergio Settani. SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre o futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010.

<sup>6</sup> Utilizamos aqui a terminologia criada por Humberto Eco para designar a visão que entende elementos da cultura de massas estritamente como instrumentos de dominação ideológica vinculado as classes dominantes.

Se não está nos rebeldes escolhidos o ineditismo da abordagem, ele está na perspectiva de entender como um órgão de mídia específico os abordou em suas páginas. A partir da perspectiva que entende também o *campo jornalístico* como um lugar de disputas, a intenção será entender como a recém criada Revista Placar abordou esses sujeitos em suas páginas, entendendo-a enquanto órgão de produção de sentidos sobre o futebol naqueles tempos. Através de suas narrativas pretendemos entender como ela tratou esses indivíduos cujos comportamentos se desviavam do padrão de jogador de futebol docilizado e controlado, num tempo no qual o controle era parte de um projeto, tanto no futebol quanto na mídia.

### **Porquê a Revista *Placar*?**

Colocada em circulação permanente a partir do dia 21 de março de 1970, a revista *Placar* nasceu carregando a responsabilidade de ser o veículo de comunicação especializado em esportes de uma editora com 20 anos de experiência de publicações no mercado editorial brasileiro. A *Editora Abril*, vinculada a Victor Civita desde 1950, contava, quando *Placar* foi lançada, além dos direitos de publicação das revistas em quadrinho da Disney, principal responsável pela sua manutenção e consolidação durante seus primeiros anos, dos títulos: segmentados (*Claudia*, *Capricho* e *Quatro Rodas*) e variedades (*Realidade* e *Veja*).

*Capricho*, primeira revista da editora, criada em 1952, trazia em suas páginas fotonovelas e os ídolos do rádio daqueles tempos, chegando a ser recordista de vendas, atingindo o ápice de, no ano de 1961, em três meses, vender mais de 500 mil exemplares. *Quatro Rodas* ganhava as ruas oito anos depois de *Capricho*. Projetado como um periódico intencionalmente articulado a industrialização brasileira, que tinha nas multinacionais automobilísticas, com perdão do trocadilho, seu carro chefe, procurava pedagogizar o público masculino ao consumo de veículos, associada ao turismo através da crescente malha rodoviária que buscava cortar o território nacional. O público feminino enquanto consumidor de bens materiais também era alvo de Abril. Através da Revista *Cláudia* procurava-se difundir um modo de vida feminino, cujos produtos e as ideias publicizadas, em grande medida, buscavam normatizar os comportamentos e reduzir a atuação das mulheres ao espaço doméstico.

Na segunda metade da década de 1960 a editora colocaria em prática dois projetos ambiciosos: *Realidade* e *Veja*. A primeira, de estilo Life, dizia trazer em suas páginas o que a sua editoria chamava de temas de interesse nacional (MIRA, 1997, p. 66). O título chegou a apresentar a vendagem recorde de mais de 500 mil exemplares em apenas seis meses de circulação, o que ganhava maior relevância se levarmos em conta que o periódico era mensal.

As primeiras duas décadas da editora, no entanto, não foram só de glórias, houveram experiências de publicações mal sucedidas, no entanto essas que se consolidaram no mercado abriram caminho para a construção de uma tradição jornalística de Abril, tradição essa fundamental para a criação da revista que se tornaria a voz políticoideológica da empresa (MIRA, 1997, p. 118) . *Veja* nascia com pretensões de grandeza, visível desde a mobilização da empresa para o seu lançamento cuja intenção era difundir

números por todo o território nacional, até sua estreita relação com o grupo multinacional de notícias *Time Life*, um dos responsáveis pela expansão do capital internacional na América Latina no campo das empresas editoriais. Enquanto um método editorial, o formato *Time* caracterizava-se por publicações semanais de notícias, modelo que marcaria a maioria das revistas lançadas posteriores a *Veja*, dentre elas *Placar*.

Os primeiros vinte anos de *Abril* marcaram a história de uma empresa que nasceu editora porém, ao ampliar seu parque industrial e sua capacidade de distribuição, potencializou-se enquanto grupo ainda em 1966, quando investiu no ramo dos fascículos, coleções, listas telefônicas, livros e discos, marcas do empreendimento *Abril Cultural*. Nascia ali um frondoso galho da arvorezinha.

Se por um lado todo esse percurso mostrava a história de uma empresa que criava corpo e se consolidava em território brasileiro, também em contato com a expansão de uma lógica empresarial de administração e organização do trabalho editorial, bem como da própria ampliação do capitalismo internacional (SILVA, 2005), tornando-se agente efetivo no processo de mundialização da cultura que tomava o país, sobretudo a partir da década de 1970, uma das marcas para a inserção nacional no processo de Indústria Cultural (ORTIZ, 1988), por outro nos conduzia ao lançamento de *Placar* como parte de seu projeto de segmentação, enquanto revista especializada em esporte da editora.

Se um dos lemas de Victor Civita era “ir de encontro a todos os segmentos do mercado” (MIRA, p.65-66), ou seja, produzir revistas direcionadas aos públicos e seus interesses<sup>7</sup>, faltou até 20 de março de 1970 um periódico da editora que tratasse do fenômeno esportivo mais popular no país, o futebol.

Após a circulação de quatro números experimentais, com o objetivo de prospectar o mercado e trabalhar editorialmente a revista, *Placar* “entrava em campo”. Lançada intencionalmente às vésperas da Copa do Mundo de futebol que aconteceria no México, naquele ano, a capa da edição inaugural, além de outras manchetes com menor destaque, trazia em primeiro plano a imagem de Pelé erguendo a taça Jules Rimet. A imagem era significativa pois carregava em si uma série de significados. Os mais evidentes eram a utilização, no periódico, do binômio Campeonato Mundial e Pelé. Através da conexão desses dois signos *Placar* era lançada ao mercado. Essa conexão aparecia como a imagem a ser utilizada por uma revista recém criada que buscava se consolidar no universo editorial do país.

Se a Copa do Mundo, por um lado, carregava em si, desde 1938, o signo do nacionalismo, momento em que todos brasileiros eram conclamados a se unificar em torno do selecionado de futebol, já que a vitória dos onze aparecia no imaginário coletivo e era reforçada pela mídia como o triunfo de todo o

---

<sup>7</sup> Além do caráter subjetivo dos gostos fragmentados aos quais a editora procurava atingir, entendemos, dialeticamente, que também as revistas, dentre elas as da editora Abril, buscavam produzir e interferir nos seus públicos, organizando, até mesmo, seus gostos. Chamamos atenção, através dessa perspectiva, para o caráter pedagógico dos veículos de comunicação, que através de suas linhas editoriais, abordagens das matérias, produtos propagandeados, produziam e disseminavam sentidos e visões de mundo publicamente em circulação.

povo. Por outro lado, a marca simbólica da competição enquanto aglutinador nacional associava-se a figura de um ídolo. Pelé naqueles tempos já havia participado de três Copas, havendo conquistado duas delas. Era reconhecido nacionalmente e internacionalmente como o melhor jogador do mundo, carregava em si, segundo o conceito de Pierre Bourdieu, seu próprio *Capital simbólico*. Nada mais auspicioso, portanto, para um veículo recém fundado em busca de consolidação no mercado.

Mesmo que o vínculo com a editora *Abril* já atribuísse, em certa medida, um lugar de respeito na cena editorial, alguns elementos apresentados ainda na primeira edição da revista nos ofereciam indícios sobre a necessidade que a própria apresentava de construir uma narrativa sobre si que fundamentasse sua história particular, ou seja, elementos que produzissem sobre si uma identidade própria.

O texto que marcava a construção dessa narrativa foi escrito por Victor Civita. Naquele momento ocupava o lugar de diretor e editor principal da Revista. Sob o título de Carta do editor apresentava o periódico ao seu público e construía sentidos sobre a fundação de *Placar*, vinculando o projeto do periódico ao ano de 1950, por acasão do campeonato mundial de futebol organizado em terras brasileiras e do quanto o evento havia afetado as pessoas em geral, inclusive ele e aqueles que o ajudava na construção de *Abril* quando, “mesmo preocupados em consolidar as bases da editora foram contagiados pela ‘febre de Copa’ passando a viver aqueles dias de julho sob a temperatura altíssima de incontidas emoções”.

Utilizando a Copa do Brasil e a própria memória produzida sobre o evento, o editorial construía sentidos sobre o semanário recém lançado e vinculava sua trajetória a própria história da editora. Segundo Civita, durante esses vinte anos que antecedeu sua efetivação, “dentro da Editora Abril a ideia de *Placar* continuava fermentando”, e “muitos projetos dessa revista foram produzidos, lidos, revistos, analisados e guardados”. Demorar tanto tempo para produzir uma revista, portanto, não significava, a partir do texto, negligência ou esquecimento para com um assunto tão popular no Brasil, mas o tempo necessário para “estarem prontos”, o que se materializava naquele número, não antes de lançarem quatro publicações experimentais, frutos de “dois meses de intensa movimentação, durante os quais a revista nasceu, transformou-se e chegou a a sua forma final” (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 1, 20 março 1970. p. 38).

O Carta do Editor, no entanto, mais do que contar o percurso dos fatos, construía um discurso fundador sobre a revista “inventando um passado inequívoco e empurrando um futuro pela frente”, dando a “sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido” (ORLANDI, 2003, p. 12). Através desse discurso o editor procurava familiarizar o empreendimento *Placar* ao público, utilizando e reforçando a memória de um evento sobre o qual construíram e solidificaram interpretações relacionadas a própria identidade brasileira e sua relação com o futebol. Procurava-se, portanto, vincular a revista a construção de uma tradição nacional associada ao jogo da bola.

Porém, esse não aparecia como o único elemento na construção do discurso fundador de *Placar*. A essa fala que reforçava um vínculo histórico do Brasil com esporte bretão, portanto uma tradição do país para com o jogo,

unia-se uma outra argumentação que vinculava a revista a um projeto moderno de jornalismo esportivo. O padrão de modernidade estaria vinculado ao que Civita chamou de uma “nova mentalidade”, onde “a paixão clubística, as preocupações pessoais, os interesses menores foram substituídos pela crítica construtiva, pela análise ponderada, pela reportagem desassombrada e imparcial” e concluía reforçando que seriam esses os princípios de uma “filosofia de Placar” Filosofia que teria seus agentes para coloca-la em prática, definida no texto a partir da reunião de “uma equipe jovem, talentosa e altamente profissional” (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 1, 20 março 1970. p. 38).

Uma tradição, vinculada à prática do jogo da bola, unia-se ali a uma outra tradição, configurada pela necessidade contínua de dizer-se moderno (ORTIZ, 1988). A noção de modernidade, por sua vez, estava diretamente vinculada, naquele momento, a um contexto de consolidação de uma sociedade de consumo e um mercado de bens culturais brasileiro, caracterizado, sobretudo, em função da complexidade pelo que passava a divisão do trabalho, caracterizado por uma racionalidade empresarial e marcado pela ideia de profissionalização que configurava uma relação de um tipo novo entre empresa e funcionário.

A própria estrutura organizativa de *Placar* demonstrava essa complexidade que tomava as relações de produção do mercado de bens culturais. A equipe a qual o dono de *Abril* se dirigia não se resumia a jornalistas, como Michel Laurence e José Maria Aquino (ganhadores do premio Esso de 1969), mas a toda uma estrutura de diretores, editores, fotógrafos, redatores e reporteres. Estrutura que estropolava a sede em São Paulo e se ramificava pelo Brasil e no mundo através do intitulados Escritórios Regionais. A revista tinha representações nas capitais: Rio de Janeiro, Brasília, Recife, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Salvador. Além disso correspondentes em Nova York, Paris, Roma, Londres e Tóquio. A especialização e racionalização da revista se apresentava ainda através de duas divisões denominadas: Serviços editoriais e Serviços fotográficos, ambas com diretoria e ordenamentos autônomos. Além de um Departamento comercial próprio do periódico, cujo objetivo era pensa-lo como um produto de mídia e sua potencialização mercadológica.

Da trajetória da editora Abril até a publicação de *Placar*, passando pela estratégias diversas da revista esportiva recém lançada para se consolidar no mercado, métodos que iam desde a utilização de símbolos como Pelé e a Copa do Mundo de futebol, até a construção de si, unindo um discurso que se apropriava do futebol como um elemento tradicional brasileiro a uma ideia de jornalismo moderno, tanto através das matérias publicadas quanto a partir da sua complexa estrutura organizacional que expressava um novo modelo nas relações que conformavam um mercado de bens simbólicos no Brasil, nos oferecem elementos, tanto para entender o lugar de *Placar* no universo editorial brasileiro quanto suas pretensões de se tornar, aquilo que acabou virando, o principal periódico esportivo do país, revista que desde seu lançamento procurava cobrir e distribuir suas publicações sobre a prática esportiva em geral, sobretudo do futebol, no Brasil e no Mundo.

No contexto mais violento da ditadura empreserial militar, quando o Ato Institucional N° 5 imperava juntamente com o Estado de Segurança Nacional,

e a censura atuava cotidianamente interferindo em publicações das mais diversas, *Placar* era criada. Pesquisando a Revista em suas primeiras publicações, o historiador João Malaia apontou cominhos de análise para jornalismo esportivo em períodos de exceção nos quais vigorem a censura prévia. Defendeu que no periódico podemos identificar “a presença de um discurso político crítico de grande amplitude, possibilitado por duas licenças, a esportiva e a humorística”, no entanto percebe-se, em momentos, uma “linha tênue entre a crítica e a necessidade e/ou opção ideológica de alinhamento com o regime em vigor” (MALAIA, 2012, p. 153).

Essas características, no entanto, podem coexistir numa mesma publicação em matérias distintas ou em edições diferentes, dependendo do assunto que está sendo abordado, de uma mudança de perspectiva política editorial, do interesse mercadológico do periódico. Assim, aquele empreendimento que se dizia ocupar um lugar diferente na forma de se fazer jornalismo esportivo e que mabilizava-se para ganhar espaço no mercado, produzia sentidos por diversos aspectos do universo esportivo, em geral, e futebolístico, no particular. Alguns desses sentidos serão aqui tratados através do discurso de *Placar*.

Um dos principais temas abordados era a Copa do Mundo do México e a preparação do selecionado brasileiro para a competição. Vinculado a esse tema aparecia a questão Saldanha, mais precisamente a crise pela qual passava João Saldanha na direção do time canarinho. Exatamente no momento em que *Placar* entrava em circulação as críticas a respeito das posturas do técnico, em torno da opinião pública, ficavam ainda mais contundentes, e sobre o assunto o periódico esportivo da editora *Abril* procurava abordar em suas páginas, através de reportagens, entrevistas, artigos, crônicas.

### **João Saldanha: “João Sem Medo”, “João Quixote”, “João Domador”**

Em dezembro de 2012, mais de quarenta anos depois da demissão de João Saldanha da direção técnica da seleção brasileira, o jornalista carioca Lúcio de Castro, à época contratado da ESPN, foi taxativo em afirmar: “Nenhuma personagem ligado ao esporte foi mais vigiado pela ditadura do que João Saldanha. Nem de perto. Depois de um longo mergulho nos arquivos da ditadura, é possível fazer tal afirmação com segurança” (BLOG DE LÚCIO DE CASTRO, ESPN, 03/052010, A implacável vigilância sobre João Saldanha). Ancorado na documentação que alicerçou a produção de Memórias do chumbo – o futebol nos tempos do condor, série de documentários a respeito da relação entre o futebol e as ditaduras do cone sul, o historiador e jornalista comprovava aquilo que a maioria desconfiava. A suspeição contínua do João para o regime.

A sua própria trajetória demonstrava seu perigo aos olhos daqueles que dirigiam o país. Saldanha se filiara ao partido comunista ainda na década de 1930 durante o Estado Novo e permanecera com vínculos a ele até sua morte em 1990. Assumiu o cargo de Secretário Geral da União da Juventude Comunista (UJC), e posteriormente o posto de presidente da UJC, durante o governo de Eurico Gaspar Dutra, com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) na ilegalidade. Mais tarde, em 1953, teve participação destacada na

organização da greve dos 300 mil. Associada a essa vida política intensa existia o seu vínculo com o futebol e o jornalismo esportivo. Em 1957 se tornou técnico do Botafogo do Rio de Janeiro, um dos melhores times do Brasil na época. Sagrou-se campeão carioca dirigindo craques, campeões mundiais, como Garrincha e Nilton Santos. Sua popularidade crescia entre os brasileiros através do vínculo com o clube e a partir da visibilidade adquirida pela sua participação em programas do rádio e da televisão. Compôs, junto com Nelson Rodrigues, Luiz Mendes e Armando Nogueira, um dos mais conhecidos programas de debate esportivo brasileiro, na TV Rio, Canal 13 (SITE DO PCB. 03/07/2017. 100 anos de João Saldanha, o comunista que o povo consagrou).

O fiasco do selecionado brasileiro no campeonato mundial de futebol, em 1966, quando todos esperavam o terceiro título consecutivo, causou escoriações difíceis de cicatrizar. Na Inglaterra o time canarinho havia feito sua pior campanha desde a Copa da Itália em 1934. O que antes era altivez e puro otimismo, passava a ser desconfiança e temor. As críticas da imprensa se multiplicavam nos diferentes meios de comunicação. O escrete iria disputar as eliminatórias para a Copa de 1970, e, como tática para tranquilizar a opinião pública, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), na figura de seu presidente João Havelange, contratou aquele que era o mais influente e crítico jornalista esportivo brasileiro à época. Contrariando o sentido das coisas, já que a CBD mantinha contato direto com instituições militares como a comissão de desporto do exército, João Saldanha foi convidado para ser o técnico da seleção. O sucesso aconteceu de forma imediata. A seleção conquistou o título invicto nas eliminatórias, com seis vitórias em seis jogos, o que assegurou a participação do time na competição mundial no México. Acalmados os ânimos, aplacadas as críticas da imprensa, autoestima restabelecida, Saldanha cumprira seu papel, não poderia continuar naquele posto alguém incontrolável como “João Sem Medo”, comunista por convicção e princípio, principalmente naqueles anos de maior perseguição do regime.

No primeiro semestre do ano de 1970 entrava em circulação *Placar*. Periódico do grupo Abril especializado em esportes. Como não poderia deixar de ser, o futebol tomava a maioria de suas páginas, principalmente os temas seleção e Copa do Mundo. João Saldanha protagonizava as matérias principais das primeiras edições do semanário. Número experimental de *Placar*, datado de 20 de fevereiro, as seguintes manchetes de capa chamavam atenção. Em caixa alta e explicando uma foto em preto e branco de Saldanha solitário com uma bola na mão, a expressão: “ACORDA, JOÃO!”. Ao lado, como que um complemento da primeira manchete, também em caixa alta a frase, como que um ultimato: “AIMORÊ EXCLUSIVO: SALDANHA NÃO PODE PERDER DA ARGENTINA” (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 1, 20 março 1970. p. Capa).

Através da capa dessa edição indícios daquilo que seria a tônica da maioria das publicações de *Placar* até a demissão de Saldanha, a crítica e vigilância persistente e sistemática sobre o técnico da seleção. A composição da fotografia produzia sentidos ainda mais evidentes quando associada ao aviso de Aimoré Moreira. Saldanha estava sozinho, na berlinda, o preto e branco do retrato dava a ele um tom triste e antigo, como se o técnico começasse a fazer parte do passado da seleção.

No interior da revista, nas matérias que aprofundavam as chamadas da capa, os sentidos produzidos pelo periódico ficavam ainda mais evidentes. Em coluna nomeada Tiro Livre, assinada por Hamilton Almeida, uma série de questões eram dirigidas ao técnico. As perguntas iam no sentido de interpelá-lo sobre suas convicções para um amistoso contra a seleção da Argentina que aconteceria no estádio do Beira-Rio, em Porto Alegre. A coluna inquiria sobre o time que seria escalado, a confiança do técnico entre os jogadores, o tipo de futebol praticado pelo escrete, se Saldanha não lembrava da decepção de 1950, se estava treinando realmente a seleção, se continuava jornalista e, por fim, se já havia pensado na possibilidade de perder a Copa (idem. p. 2).

Para cada pergunta o colunista tinha a sua resposta, e todas iam no sentido de que a direção técnica de João Saldanha havia chegado ao limite, seja por causa de sua incapacidade para escalar um time, seja pela confiança perdida, pela falta de prioridade e compromisso com a seleção. Segundo o texto, essas características causavam medo e insegurança no povo brasileiro, que não mereciam passar por outra tragédia como a de 1950.

Medo, insegurança. Segundo as publicações de *Placar* esses eram sentimentos presentes suscitados pela instabilidade provocada, naquele momento, por João na direção do escrete. O termo medo apareceu de forma significativa no periódico também nessa edição experimental. A revista louvava a contratação exclusiva do último técnico brasileiro campeão mundial. Aimoré Moreira tornava-se um de seus comentaristas, com a autoridade de quem dirigiu o selecionado a um título mundial e de quem “deixou os campos para escrever o jôgo da verdade do nosso futebol” (Idem. p. 37). Em seu primeiro editorial o título: “O Brasil tem medo”. Duas interpretações podem ser observados a partir da relação título e texto. Uma primeira que tratava “Brasil” como sinônimo de seleção e apontava que os atletas do selecionado estavam amedrontados com o jogo, e uma segunda, que dizia respeito a nação, temerosa da derrota, não apenas no amistoso contra o time argentino, mas para a Copa do Mundo.

Esse medo fora disseminado na maioria dos textos publicados por *Placar* enquanto Saldanha foi técnico da seleção. Mais do que isso, esse sentimento foi personalizado, individualizado na figura de um personagem que significava mais que um técnico de futebol. Isso ficou evidente na última publicação experimental antes do primeiro número permanente do periódico. Novamente a coluna “Tiro Livre”, agora assinada com o nome “redação”, questionava a relação entre técnico e jornalismo. O texto deixava entender que Saldanha negligenciava a seleção para proteger a si próprio através de sua concomitante atividade jornalística, tratada pelo artigo como uma atividade política, preocupante naquele momento em que a equipe necessitava de um “bom técnico em tempo integral”, compromissado com seu trabalho e equilibrado diante das críticas. (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 0-3, 1970. p. 13).

As críticas ao comandante do escrete canarinho eram sistemáticas e abarcavam uma série de características, que iam desde o próprio jogo, organização e modelo tático, até sua personalidade, tratada como controversa e instável. Nas publicações da revista o caráter emocional de “João Sem Medo” piorava os problemas técnicos dos jogadores. Todos os defeitos atravessavam a prática de Saldanha como técnico, desde a escolha dos jogadores que

tivessem as características para uma equipe vencedora, passando por uma organização tática defensiva definida, até a tranquilidade necessária para esses atletas praticarem seu melhor, com “força e garra”. Saldanha era, naquelas publicações, a expressão máxima da instabilidade emocional que afetava a execução de um trabalho consistente. A Seleção era “um time nervoso, do técnico ao ponta esquerda” (Idem. p.11).

Segundo a revista, o projeto Copa do Mundo estava profundamente ameaçado. Em 13 de março uma chamada dizia: “Ainda é tempo de mudar” (PLACAR, 13/03/1970, p.2) (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 0-6, 13 março 1970. p. 2).

No texto da coluna “Tiro Livre” a expressão do que deveria ser mudado: o técnico. Não mais lembravam-se da campanha de um ano atrás nas eliminatórias, daquele que transformou um coletivo de jogadores, deprimidos pela derrota em 1966, em uma equipe coesa e vitoriosa. A demissão do “João Domador” era condição basilar para a reestruturação necessária, não só pelo “4-2-4 ridículo” que havia colocado contra os jogadores argentinos, mas também por ser jornalista, e fundamentalmente pelo seu destempero, que fomentava “intranquilidade e desconfiança” no ambiente (Idem, Ibidem).

Como última cartada cabia alguém tentar controlar o ímpeto do técnico. Essa função destinou-se àquele que *Placar* caracterizou como “o austero presidente da CBD”, o outro João, Havelange. No entanto a tarefa seria árdua, já que “o domador” afundava a seleção em crise. A revista não relutou em enumerar “a evolução da crise”: Acusação ao médico do Santos; Invasão, com revólver em punho, à concentração do Flamengo; Tentativa de agressão a um jornalista.

Em meio a todos esses fatos, o técnico, de “domador” passava a ser “Quixote”, lutando sozinho contra lógica que compunha todo departamento da CBD. Diante da instabilidade plena e da solidão incontestada de João Saldanha, *Placar* arrefecia seu discurso, e defendia, não a demissão, que acarretaria uma “completa reestruturação na Comissão técnica, atingiria os jogadores, derrotaria o Brasil”, mas a transformação do técnico, de sua personalidade contestadora. Dociliza-lo era necessário, faze-lo ceder em suas convicções e princípios. O impossível. (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 1, 20 março 1970. p. 5)

O inevitável aconteceu. O “Quixote”, desgastado e solitário, foi demitido. João Saldanha chegou a questionar: “porque vocês não discutem o técnico Saldanha em vez de discutirem o homem Saldanha?” (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 2, 27 março 1970. p. 8). A verdade é que era impossível, porque o que incomodava era o homem, aquele que não tinha papas na língua, incontrolável e comunista. O João Sem Medo, aquele que entrou em rota de conflito com “o ditador”, que se recusara a jantar com o General Médici, a convocar Dario. O mesmo que respondeu: “o presidente escala o ministério e eu escalo a seleção”.

*Placar* não deixou de expressar o conflito em torno da convocação de Dadá nas suas páginas. Datava de 13 de Março de 1970, junto a fotografias do atacante do Atlético Mineiro e do Internacional de Porto Alegre, a legenda:

Um dos dois poderá ser o companheiro de Pelé. O primeiro, com a camisa do Atlético Mineiro, deixou de ser o inexpressivo

jogador do Campo Grande, Rio, e se transformou num grande ídolo de Minas. É o preferido do Presidente da República: Dario. O segundo é o artilheiro do clube mais popular do Rio Grande do Sul e o jogador preferido de João Saldanha: Claudiomiro (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 0-6, 13 março 1970. p. 13).

No texto acima a revista focava na polarização entre o comandante da seleção e o chefe do executivo nacional. Era sabido todo vínculo de João com o PCB, além de suas críticas ao regime. O periódico se aproveitava disso para criar ainda mais tensão relacionada ao já questionado Saldanha. Mas não apenas com o militar mor da nação eram os embates do “Quixote”. Brigou com Admildo Chirol, integrante da comissão formado na Escola de Educação Física do Exército, que tinha uma ideia de treinamento fundamentada no controle e na disciplina total para a formação de corpos atléticos. Pronunciou-se sobre o assistente de Antonio do Passo, diretor de futebol da seleção. Enviado do exército atendia pelo nome de Capitão Bonetti, a quem Saldanha “definiu sua antipatia antes do embarque de Bogotá para Caracas. Disse que Bonetti não era ninguém e que na comissão técnica não passava de um quebra-galhos e um marcador de passagens”. Travou batalha contra qualquer interferência que parecesse externa ao time que comandava. Foi exatamente isso que o derrubou. As constantes críticas da mídia abalou aquilo que o fizera ser convidado e o fio que o segurava no cargo: a popularidade. Segundo *Placar* o cerco fechou com um ultimato ao outro João, o Havelange. Recebeu a informação de que o “governo estava muito interessado na seleção brasileira” e caso “não fizesse nada o governo poderia virar-se contra ele.” (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 2, 27 março 1970. p. 8). E Havelange, como o bom camaleão que provou ser ao longo de sua vida como dirigente de entidades de futebol, montou a cena para a demissão de Saldanha. Afinal, “Soldado mandado não tem crimes”.

Através da demissão de João Saldanha a contestação ia embora, o técnico que gritava aos sete ventos sobre a militarização do selecionada ao dizer que um determinado Capitão não passava de um “marcador de passagens”, perdia seu lugar de comando e com sua saída, as portas eram abertas a sistematização de uma comissão militar através: do chefe de delegação, o brigadeiro Jerônimo Bastos; da segurança, sob responsabilidade do major Roberto Guaranyr, supervisionada pelo capitão Cláudio Coutinho, também preparador físico. Preparação física que tinha a presença ainda dos capitães Kléber Carneiro e Benedito José Bonetti, complementada pelo subtenente Raul Carlesso para preparador de goleiros (FRANCO JUNIOR, p. 142).

Um homem como Saldanha no comando da seleção causava temor ao regime. Ele era incontrolável. Durante o sorteio dos grupos da Copa do Mundo “entregou um dossiê denunciando mais de 3000 presos políticos e centenas de mortes e torturas produzidas pela ditadura brasileira” (SITE EL PAÍS, 03/07/2017, João Saldanha, o técnico que atormentou a ditadura). Um sujeito como esse não poderia carregar os louros de um título de Copa do Mundo do esporte mais popular do Brasil. O quanto de perigo ele representava ao sistema autoritário caso denunciasse ao planeta, como técnico campeão mundial, o quão sanguinário e tirano era o governo brasileiro? A simples

possibilidade disso acontecer apavorava os generais, que não esperaram para ver.

### **Prezado amigo Afonsinho**

Assim como Saldanha, outro botafoguense também incomodou o regime com seu jeito inquieto, questionador e inconformado. Afonsinho não havia ainda chegado ao clube alvinegro do Rio de Janeiro quando o “Sem medo” foi campeão carioca em 1957, mas o germe da rebeldia, que tinha em Saldanha uma expressão contumaz, ganhava mais uma referência no mundo desportivo em finais da década de 1960. Chegara na escolinha do time de General Severiano um ano antes da Copa da Inglaterra e um ano depois do Golpe brasileiro. Aquele menino, sonhando em se tornar jogador profissional, ainda não sabia mas esses dois eventos reverberariam direta ou indiretamente na sua vida. Florenzano (1998) defende a tese de que a forma como se desenvolveu a Copa do Mundo de futebol de 1966 influenciou profundamente na maneira de se praticar o jogo no Brasil. A campanha ruim no campeonato da FIFA e o sucesso de seleções que praticavam um jogo pautado na resistência física, como a campeã Inglaterra, influenciou numa mudança radical no pensamento sobre o jogo da bola no Brasil.

O protagonismo de um modelo esportivo que privilegiava a intensidade física ganhava força entre a maioria daqueles que compunham a dinâmica futebolística nacional. De técnicos à cartolas, de jogadores à jornalistas, os discursos se multiplicavam no sentido de que a única maneira de recuperar o sucesso nas competições era direcionar os esforços para preparação de atletas cujos corpos deveriam ser disciplinados, aptos a um futebol força, dinâmico e moderno. Esse projeto disciplinar casava intimamente com o modelo de Estado autoritário que governava o país. Uma das principais frações sociais que compunham o corpo ditatorial brasileiro, os militares, tinham um vínculo histórico com a educação física no Brasil e suas formulações políticas e teóricas, com destaque para a ditadura do Estado Novo, quando passou a ser disciplina obrigatória na educação básica para a formação dos jovens, sob o lema: “corpo cívico, corpo físico”(PARADA, 2006, p.155). Assim, essa nova forma do jogo se conectava filosoficamente com a dinâmica disciplinar e vigilante dos militares, e, cada vez mais, o mundo futebolístico passava a ser composto por sujeitos formados nesse universo.

Nesse contexto de exaltação do futebol-força, permeado por disciplina e vigilância, Afonsinho começava a jogar como profissional no Botafogo do Rio de Janeiro. Suas características como futebolista destoavam das previstas pelo novo modelo de esporte defendido naquele momento. Relativamente franzino fisicamente e tecnicamente cerebral, era um meio-campo do tipo que pensava o jogo, nem sempre objetivo em suas jogadas, característica que afetava diretamente o dinamismo desse futebol que se pretendia moderno, cuja velocidade era um de seus trunfos. Esse modelo de futebol disciplinar, portanto, afetava, as diferentes formas de liberdades, individuais e coletivas. A autonomia do jogador era diretamente atingida por esse projeto, a criatividade, que havia sido a marca do futebol-arte brasileiro bi-campeão mundial, deveria ser controlada em prol de um ordenamento tático pragmático.

Embora o domínio sobre a liberdade do jogador de futebol no Brasil estivesse complexificando-se, a liberdade desses sujeitos sempre teve em questão, já que, a partir da regulamentação internacional da “Lei do Passe”, o jogador profissional não tinha o direito em escolher para onde ir jogar, já que o atleta estava preso as decisões do clube. Assim o destino do jogador não cabia a ele, mas ao time em que ele jogava. O esportista portanto não era dono do seu próprio corpo, vivia a mercê da vontade do clube em que estava vinculado (FLORENZANO, 1998, p. 107).

Foi contra o mandonismo que tomava o jogo da bola que Afonsinho inicialmente se rebelou. O resultado representou uma fissura no autoritarismo das relações de trabalho no futebol. Afonsinho jogava no Botafogo. O alvinegro carioca saía da Copa de 1970 com o maior número de campeões: quatro jogadores, o técnico Zagalo e o preparador físico Admildo Chirol. O discurso em torno da vitória conferia a dupla Zagallo/Chirol a capacidade de unir futebol-arte ao preparo físico e a disciplina. Eles eram os responsáveis pelo sucesso do “Novo futebol brasileiro”. A maioria da mídia esportiva saudava esse sucesso, e com *Placar* não era diferente (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 17, 10 Julho 1970. p. 10).

As expectativas pela boa atuação do Botafogo nos campeonatos nacional e estadual eram muitas, mas logo foram frustradas. Ao retornar aos trabalhos no clube de General Severiano os dois símbolos da vitória tentaram implementar a filosofia que havia sido executada na seleção. Essa tentativa ganhou tons bastante autoritários quando Zagallo afastou Afonsinho por considerar seu cabelo e barba não condizentes com o perfil do que ele achava que deveria ser um jogador de futebol profissional (COUTO, 2010, p.6).

O afastamento do barbudo aconteceu em meados do mês de Agosto de 1970. No dia 27 de agosto o *Jornal Correio da Manhã* dedicava uma matéria de meia página com o título: “Afonsinho e as farpas de sua barba”. Sua intenção era apresentar como o jogador, de apenas 22 anos, havia se tornado, na visão da direção do Botafogo e do técnico Zagallo, um “líder negativo”, ainda em 1969, o que culminou com seu afastamento um ano depois, (JORNAL CORREIO DA MANHÃ, 27/08/1970, p. 2). Em *Placar*, por sua vez, nada a respeito da contenda com Zagallo. Durante o segundo semestre daquele ano a revista esportiva da editora *Abril* apresentou, quase que semanalmente, matérias sobre o Botafogo e os diversos problemas administrativos que acompanhavam o clube. A única referência a Afonsinho apareceu de forma bastante tímida em uma matéria cujo tema era a venda de jogadores, consequência da falta de dinheiro do time, que não cumpria com o compromisso salarial de todos que trabalhavam no clube e se afundava em dívidas. A venda dos jogadores era tratada como única possibilidade de saldar os compromissos. O título trazia: Pobre Botafogo, vende todo mundo”. Ao lado as fotografias de Rogério, Afonsinho e Roberto. A legenda explicava: “Rogério e Roberto são tricampeões. Afonsinho é ótimo jogador. Todos do Botafogo. Todos à venda”. Essa foi a única citação ao cabeludo. Textualmente a matéria destacava somente os dois jogadores que compunham o quadro de campeões mundiais e que poderiam ser negociados. A reportagem apresentava Roberto como um “ponta-de-lança que faz(ia) gols e mais gols, com muitos anos de futebol pela frente, e que sempre foi disciplinado.” (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 28, 25 setembro 1970. p. 38)

Um aspecto na definição do ponta-de-lança chamava atenção, a disciplina associada ao atleta alvinegro. Em meio a todo ambiente de conflitos que tomava o Botafogo naquele momento, disciplina aparecia no periódico como algo a ser valorizado. Em contraposição a isso, embora o afastamento de Afonsinho não tivesse sido abordado em nenhuma publicação da revista *Placar*, era de conhecimento público a contenda entre o técnico e o jogador, assim como a sua punição sob o argumento de indisciplina. O periódico, naquele momento, associava a crise em que passava o Botafogo a má administração do time, atrasos de salários, e não apontava a influência do autoritarismo da comissão técnica também como um dos geradores dos conflitos. A punição de Afonsinho consistiu, juntamente com o afastamento, o corte de seu salário. Então, além de não poder treinar e jogar, tanto no time de Genral Severiano quanto em qualquer outro clube, ficava Afonsinho desamparado financeiramente, em função de uma decisão autoritária baseada no julgamento a respeito de sua escolha individual de manter sua aparência segundo seu gosto. Em depoimento ao documentário *Passe Livre* o advogado de Afonsinho reconheceu que não esperava vencer o processo que seria julgado no Tribunal de Justiça Desportiva (TJD), já que era “um tribunal organizado por um dos lados (o do clube) quando Há(via) conflito de trabalho”. Perdeu o primeiro julgamento, ao qual Afonsinho denominou de “jogo de cartas marcadas”, no TJD da Federação Carioca. Recorreu ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD), onde venceu por unanimidade e conquistou o direito sobre o passe (DOCUMENTÁRIO PASSE LIVRE, 1974).

Após a vitória de Afonsinho nos tribunais, já detentor do direito de negociar, ele mesmo, onde jogaria, *Placar* produziu uma matéria, na qual apresentava a união entre Olaria, clube do subúrbio escolhido pelo jogador para atuar após a vitória judicial, e Afonsinho. Associada a isso estava também o ex jogador e agora técnico Jair Rosa Pinto, detentor de uma visão mais leve sobre o jogo, mais dialógica, menos unilateral. A matéria, assinada por Teixeira Heizer, trazia uma enorme fotografia de Afonsinho ostentando um sorriso brilhante. A alegria do jogador, apresentada também na capa da Revista, contrastava com toda contenda de meses antes. Uma confluência de fatores possibilitavam o novo estado do jogador, definido pelo jornalista: “rapaz de cabelos, barbas e ideias longas, simpático tãda vida, inteligente, um cara que brigou – e venceu - com Xisto Toniato, que joga bola redonda e vai ser médico”. Segundo a reportagem, o Olaria procurava “revolucionar o futebol carioca e, talvez, o brasileiro.” A causa disso: “os dirigentes haviam aceitado o lema do técnico Jair Rosa Pinto: ‘É proibido proibir’”. As iniciativas que caracterizavam essa liberdade: concentração só nas vésperas dos jogos, permissão para atrasos de jogadores aos treinos e mesmas regalias dos sócios para os atletas. E nada disso interferia negativamente no desempenho do time, pelo contrário, eram incentivos a equipe que “corria noventa minutos” e se tornou “fantasma dos grandes” (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 58, 23 abril 1971. p. 12).

O Olaria aparecia como a antípoda do que foi instituído como a filosofia da seleção brasileira na Copa de 1970, na qual a disciplina e o controle dos atletas eram pilares fundamentais, sistema que Zagallo e Chirol procuraram implementar no Botafogo quando voltaram do México. Jair Rosa Pinto defendia o oposto da intransigência técnica, na sua concepção o diálogo era

um mecanismo de trabalho mais eficaz que a ordem unilateral, e liberar o atraso não significava legalizar a irresponsabilidade, mas pensar as especificidades dos jogadores, como a de Afonsinho, que se dividia entre treinamentos e aulas do curso de medicina. Assim reconhecia Afonsinho: “A medida que eu interessar ao Olaria acho que eles me darão liberdade para estudar.” Essa era uma questão importante para o jogador, no entanto, no futebol profissional, com a dinâmica de treinamentos físicos, atividades fisiológicas e psicológicas, exigia dedicação exclusiva e tempo integral dedicado aos clubes. O barbudo reconhecia que as pretensões do time que escolheu ainda eram tímidas, e por isso talvez a possibilidade de implementar esse método de trabalho. Tanto que ponderou, questionando: “Só não sei o que vai acontecer se o time crescer”.

Além de Jajá, apelido do técnico Jair, o Olaria ainda contava com um dirigente bastante peculiar. Se o Botafogo tinha como cartola a representação clássica e conservadora do administrador de agremiações futebolísticas na figura de Xisto Toniato, personagem com quem Afonsinho tinha travado a batalha pelo seu passe, o diretor do Olaria era quem dava todo o suporte e respaldo para as inovações:

Por trás de toda onda revolucionária do Olaria está um português setentão, bom de conversa, bom de mesa, amigo de todos – ministros e mordedores -, ex padeiro, hoje incorporador: Álvaro da Costa Melo. O velho Melo – todos tratam de seu Melo – para começo de conversa, é o único cartola brasileiro que confessa não entender de futebol (não parece, mas isso ajuda muito o trabalho de Jajá). Rico, gosta de fazer as coisas direito: por isso os ordenados, luvas e prêmios, no Olaria, andam certinho. (Idem, p.13)

A matéria, ao se reportar a Melo, implicitamente o confrontava com um jeito “tradicional” de ser cartola no Brasil. As suas características de personalidade, seu trato sem burocracia nem pompa, o jeito e a forma de se reportar, como o “seu Melo” em detrimento do “doutor”, muitas vezes exigidos pelos cartolas Brasil a fora. Outra diferença era reconhecer que não entendia de futebol, o que, em vez de atrapalhar ajudava, já que dava toda a liberdade para a comissão técnica e os jogadores decidirem o que seria melhor para o time, deixando de lado a impáfia características da maioria dos dirigentes detentores da verdade. E por fim, mas não menos importante, o cumprimento de seus compromissos financeiros. Ali, outra oposição ao Botafogo. *Placar* havia, durante uma série de números publicados, feito reportagens denunciando os atrasos de salários que acontecia no Alvinegro carioca, inclusive no período em que Afonsinho estava integrado. No Olaria, “o camisa azul e branco” do subúrbio do Rio de Janeiro, o cabeludo informava ao jornalista: “Olha, aqui eu ganho o que nunca recebi no Botafogo” (Idem, *Ibdem*).

Além de apresentar o projeto do Olaria para o futebol, a reportagem abordava uma polêmica em torno do meio de campo. Os rumores de sua contratação pelo Flamengo. O rubro negro carioca naqueles tempos se confundia com seu técnico Iustrich, vencedor, mas reconhecidamente linha dura. Ao ser questionado sobre o assunto, Afonsinho apontou as privações

pelas quais teve que passar, e reafirmou seu poder, conquistado e que lhe conferia a capacidade de decidir, ele mesmo e não o clube, sobre seu destino. “Eu lutei quase um ano para não ser escravo de ninguém, fiquei parado, até proibido de treinar, tudo para obter meu passe. Estou no Olaria, clube que me aceitou como eu sou” (Idem, *Ibidem*).

Através da reportagem um outro sentido para o jogo e para o jogador era apresentado. Inferiria-se sobre outras possibilidades de se viver o futebol além daquelas definidas pelos defensores do futebol-força, baseado na disciplina, no controle, e o Olaria seria um exemplo do sucesso daquela outra forma. Além disso, o próprio periódico apresentava sua complexidade editorial e de produção de sentidos, visto que, mesmo defendendo em diversos momentos alguns princípios da disciplina, da ordem e de uma racionalidade científica, outros significados estavam presentes. A mesma revista que durante a contenda silenciou todo o processo autoritário da direção técnica do Botafogo e de luta do Meio de campo pela sua liberação para poder jogar, agora apresentava o quanto o atleta, juntamente com o clube que o aceitou como ele era, representavam um futebol livre, “revolucionário”.

Naquele ano de 1971, meses depois dessa primeira reportagem, *Placar* trazia Afonsinho novamente. Noticiava que havia fechado negociação com o Santos, confirmação de que a negociação com o Flamengo não passava de rumores. (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 61, 14 maio 1971. p. 10)

No entanto, dois anos depois, fecharia contrato com o Rubro-negro carioca. Essa transação marcaria um reencontro na vida de Afonsinho. Agora já estabelecido e reconhecido como um dos melhores Meio de campo do Brasil, voltava a ser treinado por aquele que, três anos antes, o privara de jogar. Em matéria de *Placar* o título: “Prezado amigo Afonsinho”. A utilização de uma frase da música de Gilberto Gil feita em homenagem ao Meio campo, fazia um jogo interpretativo com a relação, nada amistosa, entre o atleta e Zagalo. O texto não escondia a surpresa pelo reencontro: “As voltas que dá o mundo – e a bola – às vezes criam situações inesperadas. Quem poderia acreditar que, um dia, Afonsinho jogaria num time dirigido por Zagalo e, mais que isso, com a concordância do técnico? Pois Afonsinho está no Flamengo, disposto a tudo esquecer, a trabalhar com Zagalo.” No conteúdo da matéria Afonsinho falava de sua escolha em ir para o Flamengo e da responsabilidade que carregava, além das consequências oriundas daquela experiência particular no futebol, que era ser o dono de seu passe. A respeito da contenda antiga com Zagalo, ele falava que profissionalmente tinha que “colocar de lado os problemas pessoais para poder viver”, e não negar “a coexistência respeitosa e cordial no ambiente de trabalho” (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 184, 21 setembro 1973. p. 22-23).

*Placar* que, quando fervilhava os embates entre Zagalo e Afonsinho no segundo semestre de 1970 após a vitória do selecionado brasileiro no México, silenciara as tensões, apresentava a matéria como a conclusão de um conflito que deveria ficar no passado. A Revista, no entanto, deixava a entender que Afonsinho havia revertido a partida e naquele momento, com autonomia de decidir sobre suas negociações, podia escolher o time rubro negro carioca. O técnico, por outro lado, antes cheio de autoridade e disciplina, cedia diante do

jogador, consolidado no futebol nacional e detentor do direito sobre seu passe, não mais aquele jovem recém lançado entre os profissionais do Botafogo.

A Possibilidade de decidir sobre seu corpo marcou, sem dúvida, uma conquista única no universo futebolístico. No entanto, numa realidade opressora em que procuravam confiscar liberdades, controlar e modelar as ações humanas, construir padrões e forçar as pessoas a essa normatização, aquele era um poder que suscitava o tempo inteiro suspeição e vigilância. Independente do jogador entender aquelas ações como formas de rebeldia, suas ações incomodavam um sistema que tinha num sentido de ordenamento um de seus pilares.<sup>8</sup>

A Revista *Placar*, por sua vez, ao contrário, do momento anterior a demissão de João Saldanha antes da Copa do Mundo do México, em que procurou dizer semanalmente sobre o tema, a respeito de Afonsinho, nos momentos mais tensos, que disseram respeito as brigas com Zagallo e as disputas judiciais, não tratou do assunto em suas páginas, por outro lado, passado esses momentos, procurou produzir, sobre o universo do futebol, outros sentidos que não aqueles que se aproximavam aos definidos por um projeto conservador, autoritário, disciplinador e centralizador, implementado pela ditadura.

### **Rei do “Galo”: braço erguido, punho fechado**

Meses antes de Afonsinho negociar com Flamengo, em março de 1973, o Clube Atlético Mineiro lançava, entre os jogadores principais, um talentoso centro avante de apenas dezesseis anos. De nome Reinaldo, sua capacidade técnica e inteligência no jogo, desde a categoria de base já chamavam atenção, e deixavam marcas claras de seu potencial. Capacidade logo confirmada.

Nos seus primeiros anos passou por uma série de contusões no joelho que levaram a extrair ambos meniscos, no entanto, em quatro anos já se destacava como principal artilheiro do Brasil. Havia conquistado um campeonato mineiro invicto e das taças de Minas Gerais. Em 1977, com 23 anos, se destacava não só pela atilharia do campeonato brasileiro, mas pela média de gols, mais de um tento por partida.<sup>9</sup> Apenas isso seria o suficiente para o destaque do Rei, como era chamado pela torcida do Atlético, no entanto ele procurava acrescentar um significado ainda mais profundo ao comemorar cada bola na rede. A euforia de cada finalização acertada em gol trazia consigo uma manifestação política, intencionalmente pensada pelo jogador, que deveria simbolizar a luta contrária a qualquer expressão de autoritarismo. Ao erguer o braço direito e fechar o punho, com força, Reinaldo repetia uma imagem, eternizada pelo movimento dos Panteras Negras, e, no universo esportivo, pelos corredores John Carlos e Tommie Smith, representantes dos EUA

---

<sup>8</sup> No documentário Memórias de Chumbo: Futebol nos tempos de condor, aparece uma ficha que comprova a vigilância do regime sobre o jogador, entendendo-o como uma pessoa suspeita.

<sup>9</sup> Reinaldo mantém até hoje a maior média de gols por jogo da história do Campeonato brasileiro de futebol, 1, 55 gol por partida. Em 18 partidas o jogador mineiro fez 28 gols. Na ocasião o Atlético Mineiro ficou com o vice campeonato nacional, perdendo para o São Paulo futebol Clube nos pênaltis, depois de um empate no tempo regulamentar. No entanto, o time mineiro acabou a competição com a melhor campanha, invicto e com doze pontos a mais que o time paulista, campeão na ocasião (LISBOA, 2003).

durante a Olimpíada do México, em 1962, e, através do gesto, denunciavam o racismo em seu país e a luta do povo negro pela conquista dos direitos civis. No Brasil, através do mesmo símbolo, Reinaldo posicionava-se politicamente, diante de milhares de torcedores brasileiros, contra opressões, violências e a falta de direitos do Brasil daqueles tempos.

A partir de 1974, com a posse de Ernesto Geisel no poder executivo nacional, o discurso de uma transição começava a tomar forma a partir da fala do governo, o que deixava no horizonte uma perspectiva de transformação para uma sociedade democrática. No entanto, Gelson Almeida ressaltou que:

A 'distensão' lenta, gradual e segura, iniciada no governo do General Ernesto Geisel, não indicaria, necessariamente, uma transição para a democracia, nem a abertura, conforme proposta inicialmente no governo Figueiredo. A transição da ditadura militar para algo que se supunha deveria ser a democracia se limitaria ao governo civil de José Sarney e seria concluída com a posse de Fernando Collor de Mello em 15 de março de 1990 (ALMEIDA, 2011).

O intervalo que compôs os anos de governo de Geisel à Figueiredo significou, em grande medida, além de uma forma de permanência de poder diante das crises que passava o regime, um período de disputas em torno de como deveria ser feita a transição e conseqüentemente a derrubada da ditadura, e o sobre quais bases seriam construídas a posterior democracia brasileira.

Paralelo às mudanças no plano político nacional podia se ver transformações mais contundentes na forma de *Placar* se posicionar criticamente em relação ao universo político brasileiro. A forma que tratava Afonsinho e a gestão de "Seu Melo", como presidente do Olaria, serviam de indícios de uma postura mais contundente do periódico em relação a uma lógica autoritária de ordenação do jogo da bola, microcosmo do próprio governo. A marca dessas alterações estava, em grande medida, na existência de profissionais críticos ao regime se destacando no universo jornalístico brasileiro e no interior da revista, sobretudo Juca Kfourie, que deixava, em 1974, o posto de gerente do centro de documentação de Abril (DEDOC), para assumir o lugar de Gerente de reportagem de *Placar*. A partir de 1979 a atuação do jornalista seria ainda mais efetiva na crítica ao regime a partir do jogo da bola através do editorial da revista, intitulado *Opinião de Placar*. Ocupando o cargo de diretor geral da revista, foi um dos responsáveis pela contratação de João Saldanha, aquele mesmo perseguido em 1970, para compor o grupo de jornalistas do semanário esportivo (SCHATZ, p. 109)(ROCHA, p. 36-38).

Em que pese algumas conquistas no período entre 1974 – 1984, como o fim do AI-5, a Lei de Anistia, a estruturação de uma oposição política eleitoral forte, um crescimento de movimentos coletivos estudantis, eclesiais e de trabalhadores, durante a década de 1970, no futebol a militarização mantinha-se presente e forte, tanto na seleção quanto no órgão que a administrava, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

A militarização, fundada através da reestruturação da comissão técnica da seleção antes da Copa de 1970 com a demissão de João Saldanha, ganhou

força e se capilarizou ainda mais nos órgãos desportivos, atingindo inclusive a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), em 1975. O catalizador da mudança foi, sobretudo, a má campanha do selecionado na Copa da Alemanha um ano antes, o que fortaleceu um discurso pautado na necessidade da substituição profunda de quadros da administração futebolística como condição para um sucesso futuro do selecionado. A representação mais expressiva desse processo se deu com a substituição de João Avelange, na época mais preocupado com sua carreira internacional através de sua candidatura para presidência da FIFA, pelo almirante Heleno de Barros Nunes. A mudança no comando do órgão máximo dos esportes nacionais, cujo principal era o futebol, expressava além de uma intervenção autoritária o papel do jogo da bola como um elemento politicamente interessante para o regime.

O oficial que acabava de assumir a direção construiu sua carreira política no partido Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Quando assumiu a direção da CBD era também presidente do ARENA no Rio de Janeiro, filiação que influenciaria em ações de sua administração na entidade máxima do futebol brasileiro (SCHATZ, p. 87). Segundo Sarmiento (2007) o caráter centralizador marcaria sua gestão, expressado, dentre outras ações, pelo evento da troca de técnico Oswaldo Brandão, que havia substituído Zagallo pós 1974, em função de um empate na primeira rodada das eliminatórias sulamericanas para a Copa do Mundo de 1978, contra a seleção colombiana. O substituto foi o capitão Cláudio Coutinho. Presente na seleção desde 1970 como preparador físico, assumiu, em 1977, o cargo de técnico principal do escrete canarinho.

Além de Coutinho e Heleno, outros militares passaram a ocupar cargos de confiança, tanto na comissão do selecionado quanto na CBD, foram eles: “o coronel Tinoco Marques como chefe da delegação, o major Kleber Camarino como secretário, o tenente Osvaldo Costa Lobo como assessor, o major Carlos Carvalheiro como supervisor (SCHATZ, p. 87).”

Se por um lado, no espectro administrativo do futebol, se via um ambiente de maior centralização a partir da sistemática militarização da Confederação, o que resultaria consequentemente numa maior intervenção externa sobre a selecionado nacional, nos estádios brasileiros, na contramão dessa tendência, Reinaldo ganhava cada vez mais visibilidade, a partir de suas atuações com a camisa do Galo mineiro.<sup>10</sup>

*Placar*, por sua vez, em matéria de 20 de maio de 1977 defendia a primeira convocação do jogador e, tanto se aproveitava do seu crescente sucesso perante o público, quanto buscava caracterizar em suas páginas o que, para ela, comporia o ainda jovem, mas “único”, jogador. O Sergio A Carvalho construía uma linha argumentativa para justificar a necessidade da convocação de Reinaldo. A reportagem o identificava como detentor de um “estilo próprio”, “feito de criatividade e objetividade”, no qual a bola era “um simples instrumento de trabalho”, mas sim fazia “partede do seu corpo”, ou melhor, era “um prolongamento dele.” (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 369, 20 maio 1977. p. 4) Além da habilidade, sua capacidade finalizadora era ressaltada no texto, expressa através dos 149 gols em 206

---

<sup>10</sup> Apelido pelo qual é conhecido o Clube Atlético Mineiro.

jogos feitos pelo jogador, desde a categoria de base até aquele momento da carreira (Idem, p. 5). Adversários, companheiros de time, o seu técnico e técnicos adversários, cronistas esportivos reconheciam e ecoavam o talento diferenciado de Reinaldo. O texto inclusive trazia um trecho publicado por João Saldanha no *Jornal do Brasil*, no qual o ex técnico e jornalista destacava que o jogador mineiro traria uma melhora ao ataque da seleção “dando seguimento às jogadas de Zico, Rivelino e Cerezzo com mais finura”. Cláudio Coutinho até havia feito contato com o atleta, o que aumentava ainda mais as expectativas sobre a convocação do atacante, que sonhava acordado com o rádio baixinho, imaginando-se na seleção (Idem, p. 6). Embora tudo indicasse que havia chegado sua vez, a reportagem ressaltava, como pontos fracos do Jogador, que poderiam influenciar no seu sucesso, a falta de “malandragem” e “picardia”, característica dos melhores, como Pelé e Tostão, personagens dos quais Reinaldo seria “herdeiro do gênio”, mas com “estilo próprio” (Idem, p. 2). Esses pontos, característica de uma certa imaturidade, teriam influenciado no seu histórico de contusões, marcado por “três operações no menisco e uma no tornozelo”, consequências de entradas maldosas dos adversários (Idem, p. 6).

Num outro sentido do texto de maio, Sergio A. Carvalho escrevia novamente sobre Reinaldo. Já convocado para a seleção, ele era apresentado, nas páginas de *Placar*, como um jogador renovado. A causa da revação: “O poder da mente” (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 397, 2 dezembro 1977. p. 21). A reportagem tecia um atleta diferente daquele do primeiro semestre, caracterizado pela falta de “malandragem” e “picardia”. O centro avante do final estaria mudado, havia despertado “sua vontade de fazer as coisas com mais entusiasmo” e passado “a exigir mais de si mesmo”, o que repercutia inclusive nas lesões, já que teria “sumido do departamento médico” (Idem, p. 22). Toda essa transformação, por sua vez, teria sido em decorrência do acompanhamento com um psicólogo. Através dos encaminhamentos do profissional o jogador “descobria os segredos da mente” e seu poder de transformação. Segundo o texto, portanto, o processo de mentalização havia produzido aquele artilheiro ainda mais letal, produtor da marca de quinze gols em nove jogos no campeonato nacional, e cujos objetivos estariam bem traçados para o futuro: “(1) Ser campeão brasileiro; (2) Ganhar a bola de prata; (3) Ser convocado para Copa; (4) Ganhar a Copa; (5) Ganhar a Libertadores da América”(Idem, p. 23). Focado, portanto, a mentalização o motivaria a se aplicar cada vez mais nos treinamentos e o impulsionaria a conquistar seus objetivos.

Em que pese, nas duas matérias, identifiquemos a construção de narrativas nas quais o talento de Reinaldo como jogador de futebol eram evidenciados, na segunda houve uma reconfiguração da sua imagem. Enquanto o texto de maio apresentava-o como um atleta talentoso, diferente e com potencial enorme, porém ainda inseguro, sonhador, em busca de um lugar entre os grandes, o de dezembro procurava apresentar um jogador que, em pouco tempo, notava-se amadurecido e cada vez mais preparado para lidar com as transformações pelas quais passava na vida, desde a fama até a responsabilidade de ser o camisa nove da Seleção.

Tais características, que serviam para construir uma ideia de atleta cada vez mais preparado e pronto para ocupar o lugar de centro avante titular

na Copa, era reafirmada em *Placar* pouco mais de um mês depois, em janeiro de 1978.

A reportagem, cujo título, “O homem da camisa 9”, trazia dois subtítulos. Um primeiro tratava Reinaldo como unanimidade para centroavante na Argentina, do “Almirante Heleno Nunes ao goleiro Raul”. O outro reforçava as transformações do jogador, já apontadas na matéria anterior e naquele momento entendidas como consequência de sua ida para a Seleção.

Ele era conhecido como ‘o atacante das pernas de vidro’. Até que veio a convocação para seleção, provocando uma súbita tomada de consciência. E, de repente, Reinaldo se transformou num centro avante ágil, malicioso, experiente, eclético. Com 19 gols em treze jogos do Brasileiro, ele já fez seu nome. (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 404, 20 janeiro 1978. p. 11)

O texto, mais uma vez escrito por Sergio Carvalho, agora em parceria com Luiz Augusto Chabassus, reforçava a “mutação” pela qual passou o jogador, em pouco tempo, na qual havia deixado de ser “o antigo centroavante dos gols perdidos, da canela de vidro, da irritante ingenuidade”, e evoluído para “(...) o artilheiro consumado e polivalente, capaz de marcar gols e preparar jogadas pas os parceiros que vinham de trás”. Porém, além disso, novos elementos eram acrescentados àquele contexto pré Copa do Mundo no qual Reinaldo estava inserido. A disputa com outros atacantes como Serginho, Roberto e Nunes, e a preferência até pelo diretor máximo da CBD, o Almirante Heleno Nunes. Na disputa com os outros jogadores a revista esportiva destacava o jogador como o nome a estar em campo, independente do esquema tático utilizado pelo treinador, defesa feita inclusive pelo almirante Heleno Nunes, que identificava-o como uma das revelações da seleção, detentor de “qualidades para ser um Tostão melhorado” (Idem, p. 12).

*Placar* reforçava ainda mais sua campanha em prol de Reinaldo como destinado para a posição no selecionado em campos portenhos. A admiração do presidente da CBD pelo seu futebol, apontada na reportagem, procurava produzir o sentido da unanimidade em torno do jogador e o ponto final numa suposta dúvida sobre quem seria o centroavante titular do time verde e amarelo.

No entanto, após uma entrevista concedida ao periódico alternativo *Movimento*, em março daquele mesmo ano, a relação entre militar e jogador ganharia novos contornos. Ao se posicionar abertamente a favor da organização coletiva entre jogadores de futebol, defender anistia e a constituinte, Reinaldo demarcava sua opinião contrária aos ditames da ditadura (MOVIMENTO, 06/03/1978, p. 8 Apud COUTO, 2010, p. 14). Segundo Euclides Couto (2010, p. 16), a matéria provocou alvoroço nos meios da grande imprensa mineira, que publicava o possível corte do atacante atleticano da Seleção, por iniciativa de Heleno Nunes. O dirigente no entanto, procurando camuflar a questão política em torno do acontecido, justificava a decisão afirmando alegando que Reinaldo não teria as “condições físicas exigidas para uma competição de alto nível” (ESTADO DE MINAS, 07/04/1978, p. 6 Apud COUTO, 2010, p. 16).

A revista esportiva da editora *Abril*, no entanto, não apresentou cobertura da seleuma entre o artilheiro e o presidente da CBD. Até o término da Copa do Mundo, a mídia que antes fazia campanha explícita para o atacante em suas páginas deixava de aborda-lo, citando-o apenas em algumas matérias sobre o selecionado. Nada apareceu sobre o embate, nem tão pouco sobre as manifestações políticas do atleta. Isso, no entanto, não significava que o periódico estivesse alheio as questões políticas em suas páginas. Naquele ano de eleição, a revista se posicionava a respeito das discussões em torno do fato de que jogador de futebol não deveria se posicionar politicamente, colocada a baila muito em função da reportagem de *Movimento* com Reinaldo. O periódico publicou matéria sobre o interesse dos jogadores a respeito das eleições, quais candidatos e qual legenda era a mais popular entre futebolistas de diversos estados do país (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 446, 10 novembro 1978. p. 12). Como apontou João Malaia (2012) o recurso humorístico aparecia como forma de apresentação dos posicionamentos políticos da revista. Através das tirinhas da coluna “Camisa 12”, o semanário pautava e se posicionava a respeito de temas como anistia, democracia, corrupção, autoritarismo, eleições (SCHATZ, 2018).

Se o hebdomadário não se furtava de participar dos debates sobre questões políticas no futebol, porque não pautar o caso Reinaldo? Essa questão ficava no ar. Em que pese não tenhamos resposta objetiva para a pergunta, através das publicações do periódico entendemos que, ao silenciar o caso a revista procurava não se posicionar explicitamente diante da polaridade, mesmo que, através de outros temas, *Placar* caminhasse num sentido próximo àquele defendido por Reinaldo.

A situação colocava em oposição presidente da CBD e centroavante, e aquela harmonia apresentada em *Placar* no mês de janeiro, pouco tempo depois transformava-se em tensão. Segundo Couto (2010), a repercussão da reportagem teria sido importante para a posterior convocação do atleticano para o campeonato mundial, visto que, possibilitou uma vizibilização ainda maior da popularidade do jogador, nacionalmente conhecido, além do que, a ação autoritária de cortá-lo poderia ampliar os debates e conseqüentemente produzir um mártir em Reinaldo, cuja figura seria usada pela oposição para enfraquecer ainda mais o regime e o partido da situação, ao qual o Almirante era dirigente.

Efetivada a convocação, em 3 de junho de 1978, no Estádio José Maria Minella, em Mar del Plata, a seleção estreava na maior competição internacional de futebol. O gol de empate contra a Suécia, na partida inaugural do selecionado transmitida pela TV, possibilitava Reinaldo mostrar para o mundo sua mensagem através da comemoração. A expectativa em torno do atacante para goleador da competição era enorme entre os brasileiros, quantidade de gols que seria diretamente proporcional a visibilidade do jogador, inclusive para se posicionar politicamente, algo perigoso, não só a ditadura brasileira, mas para própria Argentina, que também passava por um governo autoritário.

Aqueles que esperavam uma Copa decidida pelos tentos de Reinaldo acabaram sendo frustrados, pelo indicativo da primeira partida e a falta de continuidade de boas atuações. Um jogador em que pairava a suspeição não poderia ser menos que brilhantet, assim uma partida média contra a espanha

o tirou da equipe, substituído por Roberto. O time canarinho acabaria na terceira colocação da competição, depois de perder a vaga da final em virtude de uma “estranha” goleada de da Seleção anfitriã na equipe peruana, resultado que levou o conjunto argentino a decisão do campeonato.<sup>11</sup>

A grande imprensa brasileira, em geral, ecoava a vergonha do triunfo argentino contra os peruanos. Em *Placar* não era diferente. O periódico, a partir de uma longa reportagem, dizia trazer tudo sobre o escândalo. No entanto, outra matéria da revista, publicada logo após a Copa, também chamava atenção. No título, a interrogação em caixa alta: OS MINEIROS AMARELARAM? No subtítulo a explicação de tudo: “Como sempre aconteceu a partir de 50 mais uma vez vemos jogadores brasileiros serem acusados de tremerem na hora h: Cerezzo e Reinaldo. Os dois negam da mesma forma como fizeram outros acusados. Mas boato é um alvo difícil de acertar.” (REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 427, 30 junho 1978. p. 52)

Em diálogo com o subtítulo, a reportagem apontava como historicamente, ao não sagrar-se campeã de uma Copa, a derrota da seleção brasileira era atrelada a participação de alguns jogadores, para justificar o insucesso. Mesmo apontando que tais conclusões surgiam de boatos, ressaltava o quanto essas notícias se naturalizavam e eram “repetidas com foro verdades” entre o senso comum. Passeando pela história caminhou, desde 1950 com Bigode e Barbosa, passando por Didi em 1966, até 1974 com Paulo César. Todos acusados de amarelarem, de formas diferentes, diante das dificuldade e desafios de um campeonato mundial. As derrotas eram portanto individualizadas e sujeitos eram massacrados durante anos pelo peso dos insucessos. A bola da vez seriam Cerezzo e Reinaldo. Ambos não jogaram a partida contra o selecionado argentino e, ao final da competição, isso era disseminado, como covardia dos jogadores que tremeram perante a partida decisiva. O texto, desta vez sem assinatura de quem o escreveu, ainda ressaltava que existiam sim, casos de jogadores dos quais a camisa verde e amarela pesava e não conseguiam atingir na Seleção o nível de jogo que tinham nos clubes em que jogavam. Os dois mineiros, no entanto, não foram citados entre eles no escrito, porém, também através do texto de *Placar*, aqueles que acreditavam na teoria da covardia dos atletas, poderiam, muito bem, coloca-los entre os que nao aguentavam a responsabilidade de jogar com a amarelinha. Os jogadores não escondiam a ira e a mágoa. Cerezzo dizia até que “partiria a cara, mataria o sujeito” que havia invetado que ele não jogou por que nao quis. As afirmações, por sua vez, segundo a reportagem, teriam sido feitas por um membro da comissão técnica, mais precisamente o médico Mauro Pompeu, que “dizia abertamente que Reinaldo tinha pedido para não jogar”. O jogador por outro lado se explicava, dizendo apenas concordar com o chefe do departamento médico, dr. Lídio Toledo, que resolveu poupá-lo após acusar dores no joelho (Idem, p. 52-55).

---

<sup>11</sup> A Seleção Argentina precisava vencedor por saldo igual ou maior que quatro gols para se classificar para a final da Copa do Mundo e acabou aplicando uma goleada de 6 a 1 no time peruano. As suspeitas de interferencia externa do regime ditatorial argentino no resultado do placar eram proliferados pela mídia brasileira que seria o finalista caso os alvicelestes não conseguissem atingir a diferença de gols.

Em que pese a veracidade da acusação em torno dos jogadores, atingir Reinaldo naquele momento aparecia como algo bastante conveniente, diante de tudo que havia acontecido, antes da Copa, entre ele e Heleno Nunes. Não seria de se espantar, portanto, alguém da comissão ter produzido tal boato com o objetivo de desgastar a imagem do centroavante diante do público, mesmo público que havia se mobilizado em torno de sua presença na Copa. Seria, para o Almirante presidente da CBD, a redenção.

*Placar*, por sua vez, desde o título da matéria questionava a afirmativa de que os jogadores teriam acorvadado. Recorreu a história para identificar como o recurso de individualizar as falhas em derrotas foram utilizados em diferentes momentos, desde o Maracanazo. Aquilo se repetia naquele momento de crise, possivelmente criado por alguém da comissão, para apontar em Reinaldo um dos responsáveis pela derrota, junto com Toninho Cerezzo. Além disso, apresentava a indignação e tristeza dos atletas acusados, bem como suas explicações a respeito de não terem jogado a partida.

Mesmo que de forma pouco incisiva, e as vezes perigosa, como no momento em que abordou o fato de existirem jogadores que sentiram o peso da responsabilidade de jogar pela Seleção, o que poderia ser vinculado aos atletas mineiros acusados, *Placar* construiu seu discurso num sentido que apontava para o fato deles serem os escolhidos como os responsáveis pelo insucesso, narrativa recorrente em momentos de derrotas. Isso naquele momento poderia servir para tirar a responsabilidade da comissão técnica, bastante criticada antes da competição, e/ou, no caso de Reinaldo, desgastar sua imagem perante os torcedores que, no embate anterior contra o presidente da CBD, havia saído fortalecida.

### **Considerações finais: Futebol não é um jogo de linha reta**

Durante o período ditatorial no Brasil que começou em 1964 uma série de liberdades foram confiscadas, corpos eram atacados violentamente. A potência de um esporte popularizado na sociedade brasileira, tratado como elemento da cultura nacional, se por um lado aparecia como um instrumento poderoso para os governos, como uma maneira de reverberar conquistas, de apresentar uma nação unificada num projeto, se utilizado no caminho contrário, como um espaço de denúncia, de visibilização das dominações daqueles tempos, se apresentava bastante perigoso. Do mesmo jeito são os veículos de comunicação, que se por um lado poderiam produzir sentidos que colaboravam com a tirania, por outro apresentavam visões mais complexas e até contestadoras do poder instalado. Assim, tanto o futebol quanto a mídia não devem ser tratados como elementos monolíticos, mas lugares polifônicos, detentores de múltiplas vozes, dotados de contradições e de disputas. Tanto os personagens escolhidos, que são em si a mostra de que o jogo era mais que o “ópio do povo”, quanto a forma que *Placar* os tratou nos possibilita perceber essa polivalência e suas capacidades de produção de sentidos múltiplos.

João Saldanha, Afonsinho e Reinaldo eram, portanto, personagens que destoavam do “comportamento geral”, como diria Gonzaguinha, no universo do futebol. Incomodaram a ditadura quando procuraram autonomia em tempos de tirania. Assim, procura-los em *Placar* serviu para entender como um periódico da grande mídia, em busca de mercado cada vez maior nacional

e internacionalmente, abordava aqueles sujeitos em contextos de acirramento dos seus embates com a lógica disciplinar implementada. Debruçar sobre isso permitiu entender um pouco da trajetória da revista e suas transformações em relação ao tempo, quando no seu primeiro ano, 1970, a revista fez côro a demissão de João Saldanha, o que ajudou, mesmo que de forma não intencional, na execução de um primeiro plano de militarização em curso da comissão técnica do selecionado nacional. Além disso, o silenciamento sobre o embate entre o técnico recém campeão mundial, Zagallo, e o jovem jogador Afonsinho, quando o técnico procurava disciplinar esteticamente o jogador, entendendo seu perfil de jogador estudante, contestador e barbudo, como insubordinado. Mesmo periódico que menos de um ano depois publicou uma matéria na qual Afonsinho era protagonista, após de conquistar o direito sobre seu passe e assinar com o Bangu. Nela podia se perceber a exaltação de uma administração que confrontava a lógica autoritária expressa não apenas no ambiente futebolístico, em geral, mas no país, a partir da ditadura. Revista que, assim como aconteceu com Afonsinho, silenciou-se sobre o embate entre Reinaldo e o Almirante Heleno Nunes, mesmo num contexto no qual a censura possibilitava maior posicionamento. Mesmo jogador para quem a revista fez campanha, em suas páginas, para ser convocado à Seleção entre 1977 e início de 1978.

Em que pese os limites deste artigo, essa multiplicidade de abordagens de *Placar* nos oferece indícios para reafirmar sua polifonia, ou seja, para mostrar a dificuldade de defini-la e caracteriza-la a partir de um caminho unidimensional e de posicionamentos contínuos. Pelo contrário, percebemos uma mídia que, num período extremamente complexo, ao tratar desses rebeldes, reproduzia em suas páginas toda essa complexidade.

## **Referências**

### **Reportagens e colunas publicadas em Placar:**

“ACORDA, JOÃO!” (COLUNA / TIRO LIVRE) - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 0, 3 de fevereiro de 1970.

“SELEÇÃO NAO POPDE PERDER” - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 0, 3 de fevereiro de 1970.

“A CRISE DA FERA” - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 1, 20 de março de 1970.

“SALDANHA: JAMAIS DEIXAREI A SELEÇÃO” (CARA CARA / ENTREVISTA) - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 1, 20 de março de 1970.

“JOÃO QUIXOTE” (COLUNA / TIRO LIVRE) - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 1, 20 de março de 1970.

“JOÃO TECNICO MORREU BRIGANDO” - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 2, 27 de março de 1970.

“A REVOLUÇÃO DE SALDANHA” - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 3, 3 de abril de 1970.

“POBRE BOTAFOGO, VENDE TODO MUNDO” - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 28, 25 de setembro de 1970.

“RUBRO NEGROS E VASCAÍNOS JÁ TEM TIME PRA TORCER: OLARIA” - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 58, 23 de abril de 1971.

“O SANTOS MONTA SEU ESCRETE” - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 61, 14 de maio de 1971.

“PREZADO AMIGO AFONSINHO” - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 184, 20 de setembro de 1973.

“MINAS TEM O SEU GALO DE OURO” - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 369, 20 de maio de 1977.

“O PODER DE PROGRAMAR SEUS GOLS” - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 397, 2 de dezembro de 1977.

“REINALDO: O BRASIL COM FOME DE GOLS” - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 404, 20 de janeiro de 1978.

“O HOMEM DA CAMISA NOVE” - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 404, 20 de janeiro de 1978.

“MINEIRÃO: GALO, REINALDO E MAIS NINGUÉM” - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 406, 3 de fevereiro de 1978.

“OS MINEIROS AMARELARAM?” - REVISTA PLACAR. São Paulo: Editora Abril, número 427, 30 de junho de 1978.

### **Referências Bibliográficas:**

CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. *Futebol objeto das Ciências Humanas*. São Paulo: Leya, 2014.

CERTEAU, Michel: *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.

COUTO, Euclides de Freitas. *A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol brasileiro (1970-1978)*.

COUTO, Euclides de Freitas. *Da ditadura à ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

DAMATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

FLORENZANO, José Paulo. *Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa Editora, 1998.

MALAIA, João. "Placar:1970". In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de. *O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 LETRAS, 2012.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revista: a segmentação da cultura no século XX*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, 1997.

ORLANDI, Eni Pucinelli. (org.). *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas: Pontes, 3ª edição, 2003.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira – cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

PARADA, Maurício. *Corpos físicos como corpos cívicos*. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. (Orgs.). *Memória social dos esportes: futebol e política. A construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006.

RIBEIRO, Luiz carlos. *O futebol no campo afetivo da História*. Movimento, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p.99-111, setembro/dezembro de 2004.

SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SCHATZ, Patrícia Volk. *A imprensa escrita entra em campo: relações entre política e futebol através da análise da revista Placar (1974-1982)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, 2015.

SCHATZ, Patrícia Volk. *Titulares da política: aspectos da abertura democrática brasileira na revista Placar (1974-1982)*. Recorde, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-25, jan./jun. 2018.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de; MELO, Demian Bezerra de; CALIL, Gilberto Grassi (Org.). *Contribuição à crítica da historiografia revisionista*. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017.

SILVA, Carla. *VEJA: o indispensável partido neoliberal*. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense (UFF) / Universidade Federal do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Niterói, RJ, 2005.